



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

No time for losers:
Alta performance mediada pelos aplicativos de produtividade
No time for losers:
High performance mediated by productivity apps

Thais Godinho

Resumo: Este artigo busca abordar como o conceito de produtividade no trabalho imaterial é usado como parâmetro de alta performance entre os profissionais que atuam utilizando meios digitais, especialmente no que diz respeito aos aplicativos construídos com foco no aumento da produtividade.

Palavras-chave: Produtividade; Tecnologia; Trabalho.

Abstract: This article pretends to share how the concept of work productivity is related to high performance principles between digiworkers who use digital tools, specially digital applications built to focus on productivity improvement.

Keywords: Productivity; Technology; Labor.

O conceito de produtividade está relacionado ao que se produz, ao que é produtivo, assim como aos meios de produção e os recursos empregados para tal. Desde a pré-história, o homem já modificava as matérias-primas para transformá-las em diferentes resultados desejados. O homem sempre existiu envolvido pelas técnicas. (PINTO, 2005) Com o passar dos séculos, as necessidades e habilidades humanas foram mudando e, com elas, a maneira de produzir seus objetos. A essência do que se chama “projeto” consiste no modo de ser do homem que se propõe a criar novas condições de existência para si mediante o trabalho efetivo de transformações da realidade material. O conceito autêntico de “projeto” é o de caráter objetivo. O homem deseja realmente dar a si um novo modo de ser, mas percebe ser ilusório fazê-lo em pensamento, tendo de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

conquistá-lo pela modificação impressa à realidade a que pertence. A realidade se vai povoando de produtos de fabricação intencional. (PINTO, 2005)

Aplicativos de produtividade são ferramentas tecnológicas criadas para facilitar o fluxo de trabalho e as relações entre os profissionais que as utilizam.

Podemos contextualizar o uso de tais aplicativos partindo da análise do neoliberalismo e sua relação entre empresas e indivíduos. A agenda neoliberal traz a mídia como estruturadora ou reestruturadora de percepções e cognições (SODRÉ, 2002), sempre a serviço do capital. Seu projeto teve origem nas leis universais do capital (ADORNO, 2006). Trata-se de uma narrativa política pautada pela ideologia norte-americana, sustentada pelo fascínio da tecnologia e do mercado (SODRÉ, 2002). Não se trata exatamente de um programa de doutrinação linear, mas sim da construção de cenários que as mídias criam através de dramas, espetáculos e entrevistas, que trazem o que o indivíduo deve ou não fazer (SODRÉ, 2002).

A tendência do neoliberalismo na indústria cultural é a de deixar o caminho livre aos homens mais capazes, mais competentes (ADORNO, 2006). No caso do mundo do trabalho, isso é ainda mais evidente, visto que os trabalhadores têm papel ativo na condução desse modelo de sociedade que depende do impulso individual. Como se sabe, a adesão consciente do cidadão à normatividade da ordem é decisiva para a estabilização das formas contemporâneas de poder. A mídia assume, então, lugar estratégico (SODRÉ, 2002), mas a técnica tem de ser entendida em função do homem. (PINTO, 2005)

Segundo Adorno (2006), hoje as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Existe uma valorização da concorrência e da empresa como forma geral da sociedade, além do papel do empreendedor como potencializador do sujeito econômico (DARDOT, 2016). O trabalhador é o sujeito de si mesmo - deve ser responsável pela sua própria capacitação e gerenciamento de sua carreira. Além disso, a lógica neoliberal impõe uma atitude de competição e rivalidade perante os outros.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Existe então um painel de controle que demonstra, dentro dos aplicativos de produtividade, quem concluiu mais tarefas, atualizou mais suas demandas e projetos. Essa pessoa poderia ser considerada mais produtiva que as demais e, portanto, mais competitiva e “pró-ativa” perante os desafios da equipe, que muitas vezes já trabalha de maneira enxuta. Seu motor inicial é simplesmente uma espécie de aspiração vaga a uma condição melhor (DARDOT, 2016). A técnica coincide com a práxis de todo desempenho humano. (PINTO, 2005) O indivíduo não deve mais se ver como um trabalhador, mas como uma empresa que vende um serviço em um mercado. (DARDOT, 2016) Agir significa um modo de ser ligado a alguma finalidade que o indivíduo se propõe cumprir. (PINTO, 2005)

O empreendedorismo forma o sujeito que gerencia a si mesmo não apenas no âmbito do trabalho, como em sua vida pessoal. O indivíduo deve buscar sempre sua melhoria contínua, como se fosse ele mesmo uma empresa. Isso envolve uma análise crítica de sua performance nas diversas áreas de sua vida, em busca de aperfeiçoamento. Segundo Dardot (2016), o empreendedor é um mediador entre o conhecimento e a execução. É dele o papel do desenvolvimento de uma nação pois, afinal, ele é responsável pelo sucesso da sua empresa e, portanto, da prosperidade de seu país.

Na lógica do mundo neoliberal, não existe desemprego, mas sim o trabalhador que não abriu a sua própria empresa e, portanto, não tem "iniciativa" - a iniciativa necessária aos vencedores. De acordo com o relatório de abril de 2018 da Organização Internacional do Trabalho, hoje no mundo 60% das atividades profissionais se dá no mercado informal, o que representa mais de 2 bilhões de pessoas trabalhando sem contratos ou carteira assinada. De acordo com o relatório, o número de trabalhadores informais varia de acordo com o nível de desenvolvimento do país. Enquanto que em países mais desenvolvidos a taxa de trabalho informal circula em torno de 18,3%, em países menos desenvolvidos essa taxa sobe para 79%. Isso pode levar à conclusão de que um trabalhador desempregado em um país menos desenvolvido tem mais chances de entrar no mercado informal que um trabalhador que tenha ficado desempregado e busque novas oportunidades em um país mais desenvolvido.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Quando não se pode mudar o mundo, resta ao trabalhador inventar-se a si mesmo. Na lógica neoliberal do presente, isso significaria ver a via empreendedora como a única via possível. Sendo sua ou de terceiros, uma empresa se identifica com os campeões, os quais patrocina e dos quais explora a imagem. O profissional que não se considera talentoso o suficiente para o empreendedorismo pode se ver como um "perdedor" na sociedade atual, onde os novos heróis são os empresários bem-sucedidos. O *loser* é o homem comum, aquele que perde por essência. (DARDOT, 2016)

A "heroinização" do empreendedor designa o fato de ele poder empreender em qualquer coisa. Parte de uma criação pessoal, o empreendedorismo se mostra como uma aventura possível para todos. (EHRENBERG, 2010) Ao se tornarem bem-sucedidos, os empreendedores aproximam-se dos verdadeiros heróis do cotidiano, aqueles que fazem parte da sua família ou conversam com você através de seus canais no YouTube. Ao compartilharem suas jornadas, elas parecem acessíveis. Todos esses modelos de ação hoje nos parecem possíveis. No fundo, ainda é o mesmo estigma capitalista do "escolhido". E o que é ser bem-sucedido? É poder inventar o seu próprio modelo, ser quem realmente é, ainda que igual aos outros. A empresa, quando adquire o sentido de ação de empreender, simboliza o gosto pelo risco e pela performance, tornando-se um modelo de ação.

Quando a imagem de si está destituída de toda referência estável, a abundância está somente nas coisas que se consome ou nos objetos que se possui; está também na obrigação de escolher sua individualidade. Ser si mesmo não é apenas uma liberdade que permite selecionar uma identidade como se escolhe um produto em um supermercado ou em um programa de televisão, pois essa liberdade é, ao mesmo tempo, uma escolha e uma norma. Ela se salda, desse modo, ao preço, muito pesado, de não se poder escolher, de um conflito entre o ser e o nada, o que Emmanuel Lévinas chama de 'há'. Somos, doravante, cada vez mais mestres de nosso futuro subjetivo, mas não há, aparentemente, nenhum mais além da subjetividade. (EHRENBERG, 2010)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A máquina econômica tem de mirar um "além", um "mais", que Marx identificou como "mais-valor". O comprometimento subjetivo foi tal que a procura desse "além de si mesmo" tornou-se a condição de funcionamento tanto dos sujeitos como das empresas. Daí o interesse pela identificação do sujeito como empresa de si mesmo e capital humano. O objetivo não é um estado último e estável de "posse de si", mas um além de si sempre repellido e, além do mais, constitucionalmente ordenado, em seu próprio regime, segundo a lógica da empresa e, para além, segundo o "cosmo" do mercado mundial. (DARDOT, 2016)

O sujeito produtivo foi a grande obra da sociedade industrial. Não se tratava apenas de aumentar a produção material: era preciso também que o poder se redefinisse como essencialmente produtivo, como um estimulante da produção cujos limites seriam determinados apenas pelos efeitos de sua ação sobre a produção. Esse poder essencialmente produtivo tinha como correlato o sujeito produtivo, não só o trabalhador, mas o sujeito que, em todos os domínios da vida, produz bem-estar, prazer e felicidade. (DARDOT, 2016)

A lei da eficácia é intensificar os esforços e os resultados e minimizar os gastos inúteis. Fabricar homens úteis, dóceis (FOUCAULT, 2014), dispostos ao consumo, fabricar o homem eficaz. (DARDOT, 2016) Trata-se de ver nele o sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional. O sujeito unitário é o sujeito do envolvimento total de si mesmo. (DARDOT, 2016) Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir. (DARDOT, 2016)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

1. O homem empresa e o culto à alta performance

O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência. A agenda do neoliberalismo é guiada pela necessidade de uma adaptação permanente dos homens e das instituições a uma ordem econômica intrinsecamente variável, baseada numa concorrência generalizada e sem trégua. A concorrência e a empresa são vistas como forma geral da sociedade. (DARDOT, 2016)

A racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos. (DARDOT, 2016)

O mercado torna-se, então, tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si. O objetivo é moldar os sujeitos para torná-los empreendedores que saibam aproveitar as oportunidades de lucro e estejam dispostos a entrar no processo permanente da concorrência. O homem é um ser ativo cujo motor inicial é uma espécie de aspiração vaga a uma condição melhor. O discurso dominante nessa lógica neoliberal é o de que todo indivíduo tem algo de empreendedorístico dentro dele, sendo característica da economia de mercado liberar e estimular esse 'empreendedorismo' humano. O empreendedor é o homem que age para melhorar sua sorte, que mistura risco e previsão. O próprio mercado se apresenta como um processo de formação de si. (DARDOT, 2016)

O novo sujeito é o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito para "ganhar", ser "bem-sucedido". O esporte de competição, mais ainda que as figuras idealizadas dos dirigentes de empresa, continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos. (DARDOT, 2016) É na figura do empreendedor e no desenvolvimento, ao mesmo tempo recente e rápido dos modos de ação empreendedores, que o heroísmo encontra a sua forma



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

dominante. O empreendedor foi erigido como modelo da vida heróica porque ele resume um estilo de vida que põe no comando a tomada de riscos numa sociedade que faz da concorrência interindividual uma justa competição. É por isso que o sucesso empreendedor é considerado como a via real do sucesso. (EHRENBERG, 2010).

Se o mercado é visto como um livre espaço para os empreendedores, todas as relações humanas podem ser afetadas por essa dimensão empresarial, constitutiva do humano. Um novo discurso de valorização do "risco" inerente à vida individual e coletiva tenderá a fazer pensar que os dispositivos do Estado social são profundamente nocivos à criatividade, à inovação, à realização pessoal. Se o indivíduo é o único responsável por seu destino, a sociedade não lhe deve nada; em compensação, ele deve mostrar constantemente seu valor para merecer as condições de sua existência. A vida é uma perpétua gestão de riscos que exige rigorosa abstenção de práticas perigosas, autocontrole permanente e regulação dos próprios comportamentos, misturando ascetismo e flexibilidade. (DARDOT, 2016)

Filosofia plenamente individualista, esse liberalismo dá ao Estado o papel essencial de assegurar a cada indivíduo os meios de realizar seu próprio projeto. A política neoliberal deve mudar o próprio homem. Numa economia em constante movimento, a adaptação é uma tarefa sempre atual para que se possa recriar uma harmonia entre a maneira como ele vive e pensa as condicionantes econômicas às quais deve se submeter. Essas políticas devem chegar ao ponto de mudar a própria maneira como o homem concebe sua vida e seu destino a fim de evitar os sofrimentos morais e os conflitos inter ou intraindividuais. (DARDOT, 2016)

O homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial. O homem como "fim" e o homem como "instrumento". (DARDOT, 2016) O novo governo dos homens penetra até em seu pensamento, acompanha, orienta, estimula, educa esse pensamento. (DARDOT, 2016) Trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico, mas que procura sobretudo trabalhar a si mesmo com o intuito de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais

transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz. (DARDOT, 2016)

Esse novo modo de organização da empresa teve consequências importantes para o trabalho e o emprego. Traduziu-se em intensificação do trabalho, diminuição dos prazos e individualização dos salários. (DARDOT, 2016) Esse controle da subjetividade somente é operado de maneira eficaz dentro de um contexto de mercado de trabalho flexível, em que a ameaça de desemprego está no horizonte de todo assalariado. (DARDOT, 2016)

Transferindo os riscos para os assalariados, produzindo o aumento da sensação de risco, as empresas puderam exigir deles disponibilidade e comprometimento muito maiores. (...) A grande novidade reside na modelagem que torna os indivíduos aptos a suportar as novas condições que lhe são impostas, enquanto por seu próprio comportamento contribuem para tornar essas condições cada vez mais duras e perenes. (DARDOT, 2016)

A estratégia neoliberal consistiu e ainda consiste em orientar sistematicamente a conduta dos indivíduos como se estes estivessem sempre e em toda a parte comprometidos com relações de transação e concorrência no mercado. (DARDOT, 2016)

2. Produtividade, tecnologia e a mediatização do trabalho

A chamada "era tecnológica" diz respeito a toda e qualquer era da nossa história, desde que o homem se constituiu em ser capaz de elaborar projetos e de realizar os objetos ou ações que os concretizam. Sempre agiu no sentido uniforme de solucionar a contradição existencial com a natureza. A história da técnica tem de ser evidentemente a história das produções humanas. (PINTO, 2005)

O trabalhador como empreendedor de si mesmo deve ser responsável pelo seu sucesso ou fracasso. Ele passa a encarar seu fluxo de trabalho como se realmente



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

estivesse em um processo de produção, e por isso busca estratégias que possam “otimizar” o seu fluxo de trabalho. É aqui que entram os aplicativos. Os aplicativos voltados à produtividade pessoal funcionam como grandes painéis de controle onde é possível controlar o andamento das diversas demandas, processos e projetos profissionais. Profissionais pode interagir dentro daquele contexto e gerar novas atualizações sobre o andamento de cada um dos processos que se encontram.

Através dos aplicativos, os profissionais recebem demandas, muitas vezes diretamente através de seus clientes, como empresa que são de si mesmos. A palavra falada continua a desempenhar o mesmo papel essencial no processo produtivo, enquanto instrumento para conjugar um grupo de indivíduos na execução de uma tarefa. Passa a ser meio de transmissão de ordens. (PINTO, 2005)

Alguns aplicativos apresentam recursos de automatização, visando o aumento da produtividade e menor perda de tempo com tarefas consideradas enfadonhas. Ao considerarmos a significação do adjetivo "automático" seguramos na mão o íntimo elo entre a técnica e a mecanização da produção, lembrando que toda máquina corporifica uma técnica previamente concebida. (PINTO, 2005), flertando sutilmente com o apelo à alienação mesmo na prestação de serviços. A técnica entra como ocultação do ser, pois quando desligada da essencial relação com o trabalho humano, em sua expressão mais geral, permanece no plano da abstração. (PINTO, 2005)

A empresa constitui um percurso educativo que dá legitimidade aos que são bem-sucedidos, de modo que os *managers* podem ser considerados 'o equivalente a sábios ou aos mestres'. (DARDOT, 2016) Um empresário de si mesmo bem-sucedido é aquele que sabe ser produtivo e aproveitar o seu tempo de vida, atendendo bem os seus clientes ao mesmo tempo em que tem tempo livre. Todos os seus atos são regidos por prescrições exatas, que asseguram o sucesso de um empreendimento. (PINTO, 2005) Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção (DARDOT, 2016) bem-sucedida, quase que com características do modelo *just in time*.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Durante os anos 1970, a estratégia Toyotista de “empresa enxuta” tomou conta do mercado e dos métodos de produção, trazendo metodologias como o uso do “kanban” para entregas “just in time” - a produção sob demanda, fazendo utilização otimizada dos recursos disponíveis. Este seria apenas um nome mais delicado para a flexibilização das atividades do trabalhador, que abrigaria novas funções que não pelas quais foi contratado.

Esse modelo seguiu durante os anos 1980 e, hoje, em todo o mundo vemos a implementação de uma estratégia neoliberal que está resultando na precarização do trabalho em diversas frentes, especialmente com a diminuição dos direitos trabalhistas e a tendência ao trabalho chamado de “intermitente” - os trabalhadores atuam sob demanda e, se não tiverem “chamadas”, não trabalham e não recebem salário.

Os limites entre trabalho e lazer são cada vez mais tênues. A lógica da propaganda em favor de um sistema se aplica não apenas no conteúdo cultural produzido, como no conteúdo voltado à atuação profissional que sustenta o discurso do empreendedorismo - lógica neoliberal atual para o meio de atuação do profissional “de sucesso”. Suas horas de descanso devem ser voltadas à capacitação profissional. “Não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho” (ADORNO, 2006). A solução é integrar-se a essa realidade como modo de sobrevivência no mercado de trabalho. Segundo Baudrillard (2011), essa distração do pensamento, esse “tempo morto” do homem, ele toma de seu tempo disponível, enquanto o computador não desperdiça um único segundo. Os aplicativos de produtividade então mantêm a ideia de atualizações e controle 24/7. O preço a se pagar é a disponibilidade imediata para reagir às demandas.

Diferentes técnicas, como coaching, programação neurolinguística (PNL), análise transacional (AT) e múltiplos procedimentos ligados a uma 'escola' ou um 'guru' visam a um melhor "domínio de si mesmo", das emoções, do estresse, das relações com clientes ou colaboradores, chefes ou subordinados. Todos têm como objetivo fortalecer o eu, adaptá-lo melhor à realidade, torná-lo mais operacional em situações difíceis. (DARDOT, 2016)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A relação 'aberta' e 'positiva' com os outros é condição necessária à produtividade. As relações na empresa, das quais tudo depende, são consideradas em sua dimensão exclusivamente psicológica. O postulado fundamental é que o 'desenvolvimento pessoal', uma melhor comunicação no trabalho e o desempenho global da empresa estão intimamente ligados. O 'desenvolvimento do potencial pessoal' é visto como meio de melhorar a qualidade e satisfazer o cliente. (DARDOT, 2016)

A depressão é o outro lado do desempenho. O sujeito que não aguenta a concorrência pela qual pode entrar em contato com os outros é um ser fraco, dependente, que se suspeita não estar "à altura do desafio". O discurso da "realização de si mesmo" e do "sucesso de vida" leva a uma estigmatização dos "fracassados", dos "perdidos" e dos infelizes, isto é, dos incapazes de aquiescer à norma social de felicidade. O "fracasso social" é visto, em última instância, como uma patologia. (DARDOT, 2016) Os efeitos nocivos à saúde derivados de tais práticas ainda são um tabu no mercado de trabalho, afinal, "toda doença seria, de alguma forma, voluntária. 'Se a gente está doente, é porque é preguiçoso.'" (DEJOURS, 2015)

O que atualmente se produz é a estrutura econômica e política da sociedade. Os homens nada criam, nada inventam nem fabricam que não seja expressão das suas necessidades, tendo de resolver as contradições com a realidade. Toda possibilidade de avanço tecnológico está ligada ao processo de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade (PINTO, 2005), onde se enquadram os aplicativos de produtividade.

Conclusão

O sujeito neoliberal não pode perder, porque é a um só tempo o trabalhador que acumula capital e o acionista que desfruta dele. (DARDOT, 2016) A empresa torna-se não apenas o lugar e o símbolo da obrigação do trabalho, mas a expressão de um código de conduta necessário em um universo marcado pela incerteza. (EHRENBERG, 2010)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

"Viver na incerteza" aparece como um estado natural. A maquinaria instaurada "transforma as causas externas em responsabilidades individuais e os problemas ligados ao sistema em fracassos pessoais." (DARDOT, 2016)

Como o trabalho se tornou um 'produto' cujo valor mercantil pode ser medido de forma cada vez mais precisa, chegou a hora de substituir o contrato salarial por uma relação contratual entre 'empresas de si mesmo'. (DARDOT, 2016) O trabalhador se relaciona com os meios de produção não como capital, mas como mero meio e material de sua atividade produtiva orientada para um fim. (MARX, 2013) É a tendência a transformar o trabalhador em uma simples mercadoria, ao mesmo tempo em que transforma o trabalho no veículo privilegiado da realização pessoal. (DARDOT, 2016)

O sucesso, sob a forma empreendedora, torna-se um padrão de medida suficientemente convincente para simbolizar essa relação com a igualdade e toma o lugar de nossas antigas referências identitárias e sociais porque ela é exclusivamente produzida em uma relação de comparação. (EHRENBERG, 2010)

No fim das contas, trata-se de fazer com que a norma geral de eficácia que se aplica à empresa seja substituída, no nível individual, por um uso da subjetividade destinado a melhorar o desempenho do indivíduo - seu bem-estar e sua gratificação profissional são dados apenas como consequência dessa melhoria. Portanto, as qualidades que devem ser desenvolvidas pelo sujeito remetem a um universo social em que a "apresentação de si mesmo" é um desafio estratégico para a empresa. Se o indivíduo deve ser "aberto", "síncrono", "positivo", "empático", "cooperativo", não é para a felicidade dele, mas sobretudo e em primeiro lugar para obter do "colaborador" o desempenho que se espera dele. (DARDOT, 2016)

Os aplicativos voltados para o gerenciamento de tarefas e projetos e, portanto, espetacularização da produtividade, ao mesmo tempo em que se tornam uma ferramenta de controle, apresentam-se no mercado como alternativas perfeitas para a demonstração de seu desempenho. Os homens nada criam, nada inventam nem fabricam que não seja expressão das suas necessidades, tendo de resolver as contradições com a realidade. (PINTO, 2005) O sucesso como espetáculo vale por si mesmo. (DARDOT, 2016)



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Se a empresa é o teatro da luta de classes (EHRENBERG, 2010), os aplicativos de produtividade são o palco onde os astros do rock expõem a sua alta performance.

A tecnologia, para ser útil, precisa antes de tudo ser necessária. (PINTO, 2005) A necessidade, na lógica neoliberal do mercado, é a demonstração do herói bem-sucedido frente aos seus pares. Não há espaço para os perdedores.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Edição de 2006.

BAUDRILLARD, Jean. Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CRARY, Jonathan. Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

DARDOT, Pierre e LANVAL, Christian. A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo, SP. Boitempo: 2016.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

EHRENBERG, Alain. O culto da performance. Da aventura empreendedora à pressão nervosa. Aparecida, SP. Ideias & Letras: 2010.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Nascimento da prisão. São Paulo, SP. Petrópolis, RJ. Vozes: 2014.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

GORZ, André. O imaterial: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

MARX, Karl. O Capital. Volume 1. São Paulo, SP. Boitempo: 2013. 3V.

PINTO, Álvaro Vieira. O conceito de tecnologia. Volume 1. Rio de Janeiro, RJ. Contraponto: 2005. 2V.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.